

## ***Harleen Fucking Quinn: Representatividade e diversidade feminina em Birds of Prey (2020)***<sup>1</sup>

Ellen LIMA<sup>2</sup>  
Graduanda  
Yuri GARCIA<sup>3</sup>  
Doutor

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O presente trabalho busca problematizar questões referentes à representatividade em *Birds of Prey* (2020). Por meio de uma análise de aspectos narrativos e imagéticos, e dados referentes à produção, buscaremos desvelar elementos relativos à sua representatividade e relevância das produções fílmicas de histórias em quadrinhos. Ao considerar como um importante marco no processo de aumento de visibilidade de protagonistas femininas na atual tendência *blockbuster*, a produção é constituída de forma bem direcionada na questão de gênero. Grande parte da equipe criativa é composta por mulheres, o que permite uma maior demonstração de uma riqueza de detalhes das personagens femininas, através de uma ótica mais específica. Desse modo, o filme apresenta críticas aos clichês e padrões de uma cultura patriarcal, afirmando seu aspecto identitário e plural.

**Palavras-chave:** História das Mídias Audiovisuais; *Birds of Prey*; Representatividade; Cinema; Harley Quinn.

### **Introdução**

Podemos apontar uma certa soberania estadunidense na indústria cinematográfica a partir da configuração de uma narrativa fílmica mais delineada pelos desenvolvimentos de sua linguagem, sobretudo após o cenário europeu se encontrar impactado pela reverberação da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, a Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, a consolidação da indústria estadunidense permitiu um amplo domínio mercadológico de sua cinematografia. Os filmes oriundos dessas produções acabam alcançando um grande espaço em nosso imaginário cultural. O cinema Hollywoodiano preenche a maioria das salas de cinema do mundo, inclusive do Brasil. “Na última edição do Anuário Estatístico do Cinema

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. “Trabalho Concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia”

<sup>2</sup> Graduanda da Universidade Estácio de Sá (UNESA), email: [ellen2000.a.l@gmail.com](mailto:ellen2000.a.l@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor e bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da Universidade Estácio de Sá (UNESA). email: [yurigpk@hotmail.com](mailto:yurigpk@hotmail.com)

Brasileiro (ANCINE, 2015), por exemplo, informa-se que 83,9% do público dos lançamentos foi para filmes dos Estados Unidos.” (GIMENEZ et ROCHA, 2018, p.95)

Além do excesso de filmes *blockbuster* com grandes bilheterias que são consumidos de forma massiva, torna-se necessário observar um fenômeno que vem ganhando extremo destaque: as transposições cinematográficas de histórias em quadrinhos, realizadas pela Marvel Comics com seus mais de 20 filmes de grande sucesso e pela DC Comics que exibiu quase 10 filmes nas telas do cinema. Embora seja um estilo de filme que arrecade bastante, devemos observar alguns detalhes em sua constituição ao longo das décadas. Vale destacar o fato de que todos foram protagonizados por um imaginário sociopolítico hegemônico de homens cis, héteros e brancos, e as equipes dos filmes serem majoritariamente masculinas. Através desses fatos, percebemos uma grande necessidade de diversidade nesse estilo de obra que só começa a apresentar algumas variações a partir de 2017 com *Wonder Woman* e 2018 com *Black Panther*.

Além dos filmes terem essa ausência de representatividade, tanto nas telas como na equipe, é importante notar que suas estruturas narrativas costumam remeter ao estudo *Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell (1989) como base. O autor declara no início do livro que a jornada pode ser vivenciada tanto por homens quanto por mulheres “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (p.28). Contudo, em sua descrição de exemplos ao redor do mundo – parte mais analítica de sua obra –, percebemos uma ausência dessa variação destacada. Ao remetermos ao processo de utilização de sua estrutura narrativa ao cinema, também se torna mais comum encontrarmos filmes protagonizados por homens, como os exemplos do Universo Cinematográfico da Marvel.

Maureen Murdock notou que a jornada da mulher contemporânea era diferente da jornada descrita anteriormente e percebeu uma necessidade de uma reconfiguração ou uma nova proposta que abarcasse essa outra realidade que não era vista na Jornada do Herói. Com uma extensa e pesquisa, estudou a fundo a obra de Campbell. “Eu passei anos trabalhando e estudando com Joseph Campbell; seu trabalho com a jornada do herói inspirou meu desejo de escrever algo que era mais particular para a jornada feminina.” (2020, p.2)<sup>4</sup>

Murdock se baseou na obra de Campbell e desenvolveu seu trabalho ao observar o ciclo que as mulheres viviam em seus cotidianos. Atualmente, podemos encontrar esse ciclo

---

<sup>4</sup> I had spent years studying with and working with Joseph Campbell; his work with the journey of the hero inspired my desire to write something that was particular to the feminine journey. (p.2) Heroine’s Journey Workbook (2020)

em algumas obras protagonizadas por mulheres, pois, consiste em analisar a necessidade da mulher de se adequar ao mundo dos homens para atingir sucesso. Em seguida, identifica uma etapa de sensação de incompletude, visto que, não há aceitação do feminino nesse processo. Por fim, demonstra um ciclo que alcança uma compreensão e possibilidade de conciliar o feminino com o que aprendeu no mundo dos homens.

Esse artigo procura compreender *Birds of Prey* (2020) como um importante marco no processo de aumento de visibilidade de protagonistas femininas na atual tendência *blockbuster* de filmes baseados em universos narrativos das histórias em quadrinhos. Procuraremos demonstrar como a narrativa indica elementos de sororidade e desconstruções de modelos hegemônicos clássicos na indústria cinematográfica. A produção, além de protagonizada, possui um amplo espaço para mulheres em seu âmbito criativo, apresentando uma obra que não somente destaca personagens femininas, como também insere críticas aos clichês e padrões de uma cultura patriarcal.

### **Fabulosa emancipação da narrativa feminina**

Em 2016, fomos apresentados ao filme *Suicide Squad*. Apesar do fracasso crítico da produção, alguns elementos se tornaram marcantes, como a apresentação da personagem Harley Quinn. Originada no desenho *Batman: The Animated Series* (1992), foi transferida para os quadrinhos em *Batman: Harley Quinn* (1993) e por fim para o cinema no filme citado acima. Interpretada por Margot Robbie, se tornou um dos pontos mais elogiados da produção. A atriz trouxe carisma para a personagem, compreendendo as possibilidades a serem exploradas no papel. Assim, popularizou a amante do príncipe do crime de Gotham, tornando-a uma personagem de grande impacto em nosso imaginário.

Entretanto, dando luz aos pontos negativos na composição dessa personagem, é possível perceber que sua narrativa demonstra uma mulher dependente do namorado para escapar dos problemas. Outra análise também pode indicar uma mulher que é simplesmente louca e desprovida de sensatez em suas ações. Essas características são demonstrações de elementos misóginos que podem identificar clássicos argumentos em torno de uma estrutura de poder patriarcal. “A misoginia está presente quando se associa as mulheres à loucura, à histeria, à natureza [...]” (TIBURI, 2018, p.39). Vale destacar que o roteirista desse primeiro filme é David Ayer, um homem. Assim, percebemos uma importante questão abordada pela autora Maureen Murdock em sua obra *Heroine’s Journey* (2020) “Devido ao fato de estarmos

em uma sociedade que vê o mundo a partir de uma perspectiva masculina, muitas mulheres ainda internalizam a voz patriarcal que as diz que são menores.” (p.XVII)<sup>5</sup>.

Ou seja, a partir da perspectiva masculina, Harley é dependente e louca. Um fato que o roteirista e também diretor David Ayer, acrescentou após as gravações do filme, foi o pedido para que a equipe de efeitos visuais encurtasse o short da personagem.<sup>6</sup> Observando a narrativa do filme, essa mudança não surte seu impacto, podemos, portanto, considerá-la parte dos problemas de quando apenas homens estão presentes nos cargos de poder, quando se trata da idealização de um projeto audiovisual. Nesse sentido, diminuir o tamanho do short, contribui para a sexualização da personagem, que por sua vez, contribui para a objetificação do corpo feminino que não encontra qualquer ressonância ou necessidade na história.

Partindo do princípio de que o diretor David Ayer, é um comunicador exportando seu filme para o mundo, vale ressaltar a frase de Luiz C. Martino (2019): “Comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo afeto).” (p.23) Portanto, observando a forma que Ayer projetou o corpo da personagem, o efeito causado seria normalização de que o corpo feminino é um produto a ser consumido. Pois, o público paga para consumir o produto audiovisual, que por consequência, tem a personagem sexualizada.

Sarmet e Tedesco (2019) destacam que: “Em 2016, os questionamentos sobre gênero e raça se intensificaram.” (p.146) Podemos associar essa afirmação a diversos movimentos históricos. Como exemplo, podemos apontar as manifestações digitais contra o Oscar, após premiarem, como de costume, majoritariamente pessoas brancas. Outra manifestação que surtiu grande efeito, já em 2017, em Hollywood foi a “#MeToo”, sobre a exposição de casos de assédio sexual que mulheres sofreram no meio artístico. A ênfase se deu devido ao caso do grande produtor Weinstein ter sido acusado de assédio sexual por diversas mulheres do ramo, sendo devidamente exposto pelo jornal New York Times, e punido após a denúncia.

No mesmo ano, em 2017, *Wonder Woman* foi lançada como a primeira transposição cinematográfica de quadrinhos protagonizada por uma mulher. Apesar desse importante pioneirismo, o filme ainda possuía algumas problemáticas narrativas, tendo sido roteirizado e produzido por uma equipe formada totalmente por homens. Ainda assim, houve a liberação de um pequeno espaço criativo que era feito por uma mulher, pois, a direção ficou à cargo de Patty Jenkins. Segundo Silvio Almeida (2019): “Enfim, o que chamamos de

---

<sup>5</sup> “Because we live in a society that sees the world from a masculine perspective, many women still internalize the patriarchal voice that tells them they are less than.” (p.XVII) *Heroine’s Journey* (2020)

<sup>6</sup> <https://screenrant.com/suicide-squad-harley-quinn-shorts-cgi-butt/>

representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação.” (p.109)

Por mais que o conceito apresentado pelo autor se refira a questões raciais, pode-se adaptar esse conceito para os outros grupos que não possuem suas vozes ouvidas na área de idealização. Portanto, conclui-se que o filme, de certo modo, começou um processo de desenvolvimento de uma representatividade mais próxima da ideal nos filmes de heróis. No ano seguinte, o universo cinematográfico da Marvel lançou *Black Panther* (2018), evoluindo mais ainda nesse conceito, com maioria da equipe negra e uma narrativa que abordava temáticas raciais e trazia de forma honrosa elementos da cultura africana, conquistando 3 Oscars. Por fim, a Marvel Comics lançou em 2019 seu primeiro filme protagonizado por uma mulher, *Capitain Marvel* (2019). Vale ressaltar que essa obra possui uma estrutura narrativa extremamente similar ao conceito apresentado por Murdock em *Heroine's Journey* (2020) e que seu roteiro foi escrito por uma equipe composta por duas mulheres e um homem.

Após esses momentos históricos no cenário *blockbuster* das transposições fílmicas de Histórias em Quadrinhos, Margot Robbie conseguiu produzir o filme *Birds Prey* (2020) com sua empresa Lucky Chap Entertainment. Assim realizou o pitching da ideia e fez o filme acontecer, como afirma a diretora Cathy Yan:

Esse filme deve tanto para a Margot. Quero dizer, realmente foi ideia dela. Ela queria... Ela apresentou um filme de gang de garotas com a Harley Quinn, e isso era porque ela. Eu acho, compreendia a personagem. E ela era ativamente envolvida tanto como a estrela, mas, também como a produtora. E é muito incrível como ela pode simplesmente, colocar um chapéu e tirar o outro e trocar entre eles, sabe, seu sotaque australiano e o sotaque da Harley Quinn.<sup>7</sup>

Judith Butler (2018) ressalta a importância de uma linguagem específica que saiba dialogar com o universo feminino e suas questões, para que a representatividade de suas pautas seja devidamente retratada. “Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover visibilidade política das mulheres.” (p.20)

A partir da frase da autora torna-se compreensível algumas decisões da produção da obra, pois, o filme contém um equilíbrio de gênero na equipe que se torna notável, com mulheres presentes nas posições de poder e de idealização do projeto. Dessa forma, expressa

---

<sup>7</sup> This movie owes so much to Margot. I mean, it really was her idea. She wanted... She pitched the idea of a girl-gang movie with Harley Quinn and that was because she. I think, understood the character. And she was very actively involved as both a star, but also as a producer. And it's pretty amazing how she can just like, put the hat on and take the other off and switch between, you know, her normal Australian accent and her Harley Quinn accent. (1h 10m 30s), 2020, *Birds Eyes View Mode*, Cathy Yan)

a realidade da personagem feminina fictícia de uma maneira autêntica, dispensando narrativas comuns de mulheres sendo salvas por homens. Embora o nome do filme seja *Birds of Prey* (2020), temos o subtítulo *And the Fantabulous Emancipation of One Harley Quinn*. A partir dessa informação, é possível compreender o porquê de a obra ser de todas as formas contada pela Harley, visto que, é a narradora ao longo da história, fazendo com que a montagem fique de acordo com a ordem de sua escolha, em uma narrativa não-linear. Os efeitos especiais são extremamente coloridos, representando a estética circense da personagem, afirmação presente no minidocumentário *Wild Nerds* (2020).

Os cargos de idealização do projeto são, em sua maioria, ocupados por mulheres: a diretora se chama Cathy Yan e a roteirista Christina Hodson. Embora existam outros cargos no filme, iremos focar mais nesses dois nomes, devido ao seu destaque na autoria do projeto. O roteiro escrito por Hodson, desenvolve a história de uma personagem conhecida por sua submissão por um dos maiores vilões da DC comics. Procurando reverter esse quadro, os primeiros 5 minutos de filme mostram o casal sendo separado, ao som da música *I Hate Myself for loving you* (1988) da guitarrista Joan Jett, conhecida por fazer parte da primeira banda de rock completamente feminina na década de 70. Em seguida, tomamos conhecimento de que a missão da protagonista será conquistar independência também em outros sentidos.

Apesar da roteirista não ter declarado se inspirar na obra de Murdock (2020), podemos reconhecer algumas relações com sua estrutura narrativa. O primeiro elemento de destaque na história é o fato de Harley se desconectar da sua fonte de segurança, o Joker, e ter que aprender a ser independente. Essa etapa no ciclo da jornada se chama “Despertar para sentimentos de aridez espiritual: morte” (p.5)<sup>8</sup>, pois há essa sensação de traição vinda do mundo masculino. Embora seja uma etapa encontrada no meio do ciclo descrito por Murdock, vale ressaltar a declaração da autora “O movimento pelos estágios é cíclico, e a pessoa pode estar em severos estágios da jornada em um só momento. (p.4)”<sup>9</sup> Ou seja, é possível se encontrar em mais de uma etapa ou começar de qualquer ponto, inclusive começar no momento que há o encontro com o feminino.

A introdução animada da personagem nos traz algumas características importantes como a rebeldia, e a dificuldade em se adequar em relacionamentos amorosos padrões. Por outro lado, possui uma formação acadêmica indicando capacidade e inteligência. A personagem contesta a falta de reconhecimento pelo seu sucesso no mundo do crime, pois,

---

<sup>8</sup> Awakening to feelings of spiritual aridity: death (p.5) *Heroine’s Journey* (2020)

<sup>9</sup> Movement through the stages of the journey is cyclic, and a person may be at several stages of the journey at one time. (p.4) *Heroine’s Journey* (2020)

recorrentemente, seus créditos eram dados para Joker. Dessa forma, podemos compreender que é uma anti-heroína rebelde, inteligente e com grande potencial ao longo da obra de se tornar independente. Ao morar sozinha, decora o apartamento da forma desejada e declara “Eu precisava encontrar uma nova identidade, uma nova eu”<sup>10</sup>. Murdock (2020) afirma que “A jornada começa com a nossa heroína buscando por identidade. Essa “chamada” não é ouvida em uma idade específica, mas ocorre quando seu ‘antigo eu’ não funciona mais.” (p.5)<sup>11</sup>. Portanto, Harley se encontra no início da Jornada da heroína, sua busca por identidade se torna o ponto chave para realizar essa conexão com a estrutura narrativa.

Mais à frente na história, em sua busca por separação do antigo namorado, explode o ponto de encontro com Joker. Ao observar as explosões de diversas cores na fábrica de produtos químicos, como se fossem fogos de artifício, compreendemos que estamos observando pelo ponto de vista da personagem, visto que, quando a policial vai ao local, a explosão não possui esse caráter. Logo, declara “Era o encerramento que eu precisava”<sup>12</sup>, “Um novo começo, a chance de ser a minha própria mulher”<sup>13</sup>. Ou seja, encerrando a dependência do homem a quem estava se relacionando, inicia uma nova etapa, onde ocorrerá sua emancipação e encontrará independência e sororidade.

As mulheres possuem uma tarefa nesse momento da nossa cultura. É a tarefa de abraçar completamente a natureza feminina, aprendendo a valorizar-se como mulher e curar a intensa separação do feminino. É uma jornada pessoal muito importante para se tornar completamente integrada, equilibrada, e uma pessoa completa. (MURDOCK, 2020, p.3)<sup>14</sup>

Um tópico autêntico desse filme, é a paixão da protagonista por sanduíche de ovo e bacon. Apesar de parecer algo cômico, essa característica e momento da personagem demarcam algo, de certa forma, inovador. Alexandra Gurgel desenvolve em seu livro, *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário* (2018), um capítulo chamado “*Garotas bonitas não comem*”: uma vida baseada em transtornos alimentares (p.73), descrevendo como muitas meninas desenvolvem distúrbios alimentares por acreditarem que “garotas bonitas não comem”.

A anorexia nervosa é um distúrbio alimentar. A pessoa que enfrenta esse transtorno tem receio de engordar, quer emagrecer “até sumir”, tem uma vontade intensa de ser

<sup>10</sup> I had to find a new identity, a new me<sup>10</sup>” 2min e 30 segundos de filme *Birds of Prey* (2020)

<sup>11</sup> “The journey begins with our heroine’s search for identity. This “call” is heard at no specific age but occurs when the “old self” no longer fit” (p.5) *Heroine’s Journey* (2020)

<sup>12</sup> “It was the closure I needed” 7 minutos e 36 segundos *Birds of Prey* (2020)

<sup>13</sup> “A fresh start, a chance to be my own woman” 7 minutos e 45 segundos *Birds of Prey* (2020)

<sup>14</sup> “Women do have a quest at this time in our culture. It is the quest to fully embrace their feminine nature, learning how to value themselves as women and to heal the deep wound of the feminine. It is a very important inner journey toward being a fully integrated, balanced, and whole human being.” (p.3) *Heroine’s Journey* (2020)

magra, se força a ter restrições alimentares e vê uma imagem distorcida de si mesma, sem conseguir enxergar a sua verdadeira aparência no espelho. (p.73-74)

Assim como encontramos no livro *O mito da beleza* (2019) todo o sistema instaurado em nossa sociedade, que obriga as mulheres a buscarem o corpo ideal ou a beleza ideal.

E a alucinação inconsciente adquire influência e abrangência cada vez maiores por conta do que hoje se tornou uma manipulação consciente do mercado: indústrias poderosas – a das dietas, que gera US\$ 33 bilhões por ano; a dos cosméticos, US\$ 20 bilhões; a da cirurgia plástica estética, US\$ 300 milhões; e a da pornografia, com seus US\$ 7 bilhões – cresceram a partir do capital composto por ansiedades inconscientes e conseguem por sua vez, através de sua influência sobre a cultura de massa, usar, estimular e reforçar a alucinação numa espiral econômica ascendente. (WOLF, 2019, p.35)

A partir desse levantamento de dados, podemos analisar, por outro viés, a cena de Harley apaixonada por um sanduíche de ovo com bacon, alimentação que não é saudável e possui componentes que podem causar riscos à saúde e, sobretudo, à manutenção do corpo magro. Nesse sentido, podemos compreender como uma quebra de paradigma envolvida nessa cena cômica. Mesmo que o corpo da atriz esteja dentro do padrão de beleza eurocêntrico, só pelo fato de a projetarem comendo um lanche gorduroso, já há uma desconstrução da visão de que “garotas bonitas não comem”.

Na versão especial do filme, surge uma cartela que destaca “Trivia: Roteirista Christina Hodson é aficionada por sanduíches da New York Bodega e colocou um de seus favoritos na história do filme: Bacon, Ovo, e queijo... Com apenas uma pitada de molho picante.”<sup>15</sup> Ou seja, a roteirista utilizou a sua realidade para criar uma paixão na personagem. Demonstrando mais uma vez a importância de se ter diversidade nos campos de idealização de um projeto, pois, transposições de histórias em quadrinhos roteirizadas por homens, dificilmente apresentam mulheres comendo por felicidade. Em *Wonder Woman* (2017), por exemplo, a heroína se alimenta pouco sem apresentar qualquer modificação desse padrão. Desse modo, vale ressaltar que em *Birds of Prey* (2020) o primeiro conflito da anti-heroína não se baseia na proteção do mundo, mas na tragédia de um sanduíche perfeito não sendo comido<sup>16</sup>. Logo, a cena com o sanduíche, por mais que possua uma carga cômica em sua dramaticidade exagerada, ainda é uma cena inovadora.

A figurinista Erin Benach produziu o figurino da personagem com um conceito DIY<sup>17</sup>, identificando rebeldia e expertise como características marcantes de sua personalidade. Em

<sup>15</sup> “Trivia: Writer Christina Hodson is an Aficionado of New York Bodega sandwiches and put one of her personal favorites into the film: Bacon, Egg, and Cheese... With just a dash of hot sauce.”<sup>15</sup> (12min 30s) *Birds Eye View Mode* (2020)

<sup>16</sup> 16min *Birds Eye View Mode* (2020)

<sup>17</sup> *Do it Yourself* é uma arte de estilizar roupas ou objetos da maneira desejada pelo indivíduo.

uma cena específica, enquanto está em perigo, a protagonista sofre uma agressão no rosto, desmaia e se imagina em uma cena musical de Marilyn Monroe – fazendo referência com a busca central pelo diamante. Harley está com o penteado e roupas da cena homenageada, entretanto, ao invés de um vestido, se encontra com um macacão de calça, cantando *Diamonds are a girls best friend* (1953)<sup>18</sup>. Embora a cena original com Marilyn cantando indica que mulheres gostam de dinheiro e bens materiais como forma de amor, nessa releitura do filme, Harley morde a mão de um dos dançarinos e os domina ao longo da cena. Em seguida, aparece com uma arma de fogo atirando nos bailarinos. Assim, podemos oferecer uma interpretação dessa cena como uma possível intenção de assassinato de uma visão machista do passado na metáfora dos bailarinos homens.

Além da personagem principal que o grande público já estava familiarizado, a roteirista teve o trabalho de desenvolver a história de origem das outras heroínas ali presentes. Um fato em comum que ela coloca em todo início das histórias é que todas são desvalorizadas por homens.

Renee Montoya é uma policial, inteligente e objetiva. Ao ter seus créditos roubados pelo parceiro que foi promovido, seguiu em um cargo abaixo do merecido. Não é educada ou agradável com as pessoas ao seu redor, sendo uma personagem focada em seu trabalho. Há momentos em que soa como louca, ou é ridicularizada pela delegacia. Dessa forma, o Chefe de polícia passa seu trabalho para um homem, indicando um caso de misoginia presente na narrativa, visto que a consideraram inapta para realizar seu trabalho, devido à “loucura” apresentada pela personagem. Vale ressaltar que em suas cenas de trabalho jamais comete algum erro, apontando com perfeccionismo suas considerações. Embora viva injustiças devido ao seu gênero e nacionalidade, permanece com um olhar otimista desejando lutar contra o crime. Característica admirável, tendo em vista, as humilhações que passa durante o filme. Rosie Perez, intérprete da personagem, a define como “pessoa raivosa e depressiva, que quer fazer o mundo um lugar melhor”<sup>19</sup> e adiciona que, por ser desrespeitada pelos colegas de trabalho, tem dificuldade em confiar nas pessoas e nas próprias habilidades. Podemos relacionar essa falta de confiança à misoginia, seguindo o conceito de Tiburi (2018) que indica a falta de confiança despertada nas mulheres devido à misoginia.

Em uma cena de luta, Quinn oferece para Montoya um body sem alça como colete à prova de balas. Pelo fato da policial ser latina, acima dos 40 anos e seu figurino ser bem

---

<sup>18</sup> Filme *Gentlemen Prefer Blondes* (1953)

<sup>19</sup> angry and depressed person, who wants to make the world a better place”<sup>19</sup> 8min e 22s *Birds Eye View Mode* (2020)

conservador, sua estética não corresponde ao padrão que normalmente é vestido com esse tipo de indumentária. Por essa razão temos mais uma inovação no campo da concepção de uma beleza padrão, visto que, esse tipo de figurino mais sexy, normalmente, é utilizado por mulheres dentro de um determinado padrão estético delimitado e excludente de outras idades e corpos. Infere-se que houve uma intenção de valorizar o corpo feminino partindo de sua autoestima, discordando da visão de que mulheres devem ser sensuais apenas para a presença masculina.

A personagem Huntress, na história, é a primeira mulher a salvar Harley Quinn em um momento de perigo. É também a personagem mais introvertida. Nascida de uma família rica em Gotham, foi a única remanescente de uma família onde todos foram assassinados. A personagem é resgatada por um dos terroristas e treinada para se tornar uma assassina. Portanto, sua narrativa é a busca por vingança. Apesar de todos a chamarem de Crossbow Killer, a personagem se chama de Huntress, nome escolhido por ela mesma. A insistência da heroína se torna notável já em sua apresentação e implementação de sua identidade.

Enquanto Huntress demonstra uma perspectiva de persona rica e vingativa de Gotham, já estava familiarizada pelo público devido à popularidade de Batman, Black Canary apresenta em suas cenas a desigualdade social da cidade e os elementos sociopolíticos também sob o viés econômico. No instante em que acompanhamos a personagem, encontramos a periferia de Gotham. Uma área com pessoas mais desfavorecidas que demonstra uma quebra humanizada dos vilões que se encontram em paralelo com a vida na alta classe social que Bruce Wayne permeia. Mesmo que Batman não esteja presente na obra, ainda é possível apontar uma certa reflexão sobre esse universo narrativo compartilhado pelos personagens. Seguindo o conceito de Achille Mbembe em seu texto *Necropolítica* (2003), há uma estrutura sociopolítica de morte, na qual, vivemos. Primeiro somos introduzidos ao termo soberania com um significado importante:

Soberania é, portanto, definida como um duplo processo de “autoinstituição” e “autolimitação” (fixando em si os próprios limites para si mesmo). O exercício da soberania, por sua vez, consiste na capacidade da sociedade para a autocriação pelo recurso às instituições inspirado por significações específicas sociais e imaginárias. (p.124)

Percebemos essa estrutura de poder concentrando os poderes aquisitivos em um grupo. Mbembe continua investigando essa configuração espacial e sua repercussão nas estruturas de poder. “O espaço era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que sustentava” (p.135). Assim, ao prejudicarem um espaço, deixando-o sem auxílio para a morte, a soberania permanece no poder. Logo, a política do estado fica encarregada de

fragmentar a sociedade, com o intuito de privilegiar o espaço da soberania. Enquanto isso, o autor identifica que a área danificada: “Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’” (p.133)

O fator sociopolítico impacta na constituição da moradia da personagem, entretanto, vale ressaltar outros fatores científicos que surtem efeito em sua narrativa. É de se notar que como uma mulher negra, sua experiência nos espaços também é diferente dos outros indivíduos. Djamila Ribeiro em sua obra *Lugar de Fala* (2017) aborda essa distinção com a seguinte frase:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba” (p.69)

Outra autora que também articula essa ideia é Doreen Massey em seu texto *Um Sentido Global do Lugar* (2000), dialogando com a proposta de compreender o *locus* espacial da soberania identificado por Mbembe, porém acrescentando uma reflexão epistemológica em torno do conceito de espaço-tempo. “A compressão de espaço-tempo refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso.” (p.178) A teórica explica que apesar de o mais óbvio ser relacionar essa compressão com a globalização e o capitalismo, acrescenta que é uma interpretação rasa e logo complementa: “Entre as muitas outras coisas que influenciam claramente essa experiência, há por exemplo, a raça e o gênero.” (p.178) Portanto, concluímos que além da personagem residir em um local marginalizado, por ser uma mulher negra, sua experiência se torna ainda mais específica em uma escala sociopolítica de poder.

A partir desses elementos, torna-se possível analisar que, apesar de Gotham ser um lugar fictício, ainda encontramos reflexos da sociedade atual. Nesse sentido, as características da heroína Black Canary como uma mulher negra, órfã desde pequena aprendendo a sobreviver em uma área perigosa se tornam exemplar. Embora seja filha de uma heroína, o estado não a auxiliou impedindo sua infância difícil. Podemos associar essa falta de auxílio ao sistema necropolítico instaurado em Gotham. Se resgatarmos a clássica narrativa do personagem icônico Batman, podemos identificar um processo extremamente oposto. Ao ver a morte de seus pais em um beco, Bruce foi auxiliado pela polícia e criado com todo o conforto por seu mordomo Alfred. Assim, podemos identificar no mesmo universo ficcional

uma ressonância com nossa realidade sobre as diferentes formas de se movimentar em um espaço devido a questões sociais, raciais e de gênero.

Além de Black Canary, outra personagem que reside nessa área mais desfavorecida de Gotham é Cassandra Cane. Nos quadrinhos ela se torna futuramente uma das Batgirls. Todavia, o filme a coloca como central na narrativa ao roubar e engolir o diamante do vilão da história. Por ser uma criança, mesmo que talentosa para furtos rápidos, ainda aparenta ser o membro mais frágil do grupo. Dessa forma, percebemos sempre alguma outra mulher cuidando dela, como Black Canary entregando dinheiro para ela se alimentar, a policial que tenta salvá-la da Harley Quinn e por fim, a própria protagonista do filme.

Para se salvar Harley faz um acordo com o vilão, alegando que irá buscar a menina e resgatar o diamante. Porém, por passar um período com Cass, acaba desenvolvendo laços afetivos de amizade e sororidade. Na estrutura da *Jornada da Heroína* (2020), percebemos a indicação de um percurso importante intitulado curando a separação da mãe/filha.<sup>20</sup> Essa etapa significa o momento em que a heroína se conecta com o feminino. É possível associar essa relação a conexão com o feminino, visto que Harley declara que andar com a criança a fez querer ser uma pessoa melhor, indicando uma evolução narrativa da personagem.<sup>21</sup>

Desde o princípio, a ideia do filme era projetar a personagem Harley Quinn integrando uma gang de garotas. Assim, sempre que surge a necessidade de salvação, a personagem é salva por mulheres. O grupo é construído aos poucos durante a narrativa. Ao final, o momento do encontro de todas se reunindo com uma única finalidade é a indicação do objetivo de salvar Cass do grande vilão.

O vilão é extremamente interessante quando observamos essa obra com a perspectiva feminina da protagonista. Segundo entrevista do designer de produção K. K. Barret, em *Birds Eye View Mode* (2020): “Então, é aqui que ela está encenando a derrubada de Roman como um símbolo da derrubada do Patriarcado no geral.”<sup>22</sup> Roman é um homem que coleta tudo, pessoas, arte, informações, territórios etc. Percebe-se essa necessidade do personagem quando se refere à Black Canary como “My little Bird” entre outros termos que indicam posse. A narrativa do personagem no filme é centrada em sua busca por um item que deseja muito. Com sua ambição exacerbada e classe para falar, apresenta cenas violentas e cômicas durante o filme.

---

<sup>20</sup> Healing the mother/daughter Split (p.136) *Heroine's Journey* (2020)

<sup>21</sup> “You made me want to be a less terrible person” (1h36min) *Birds of Prey* (2020)

<sup>22</sup> “So, this is where she’s staging her takedown of Roman as a symbol of taking down the general Patriarchy” (1h36min) *Birds Eyw View Mode* (2020)

Nesse sentido, torna-se um ótimo antagonista para um grupo de mulheres, visto que indica uma personificação de tudo que o feminismo deseja mudar. Portanto, quando ocorrem as cenas de luta do grupo contra o vilão, percebe-se o valor simbólico de derrotá-lo. Ao final da trama, Roman declara “você precisa de mim”<sup>23</sup>. Dessa forma, afirma que Harley necessita do seu auxílio para sobreviver em Gotham com conforto. Por mais que a personagem fosse protegida pelo ex-namorado, vale destacar seu sucesso em se salvar de situações adversas, seja lutando de forma acrobática ou argumentando com clareza. Dessa maneira, após sua emancipação desenvolvida ao longo da obra, Harley nega a necessidade de ajuda, e conclui seu raciocínio afirmando seu nome com convicção<sup>24</sup>. Logo, sua busca por independência foi concluída, pois, a personagem equilibrou seus ideais e afirmou que não precisava depender de ninguém além dela mesma. Associando esse diálogo com a última etapa da *Heroine’s Journey* (2020) essa seria a “Integração do masculino com o feminino”<sup>25</sup> (p.5), visto que a personagem está completa, independente.

Em seguida, Cass explode uma granada no grande vilão, matando-o. Ou seja, até a menina que todos consideravam frágil, se salvou do perigo sozinha. Assim, percebemos o extremo cuidado da narrativa em demonstrar que mulheres podem se salvar sem ajuda de homens. Harley Quinn se salva lutando artisticamente e argumentando com extrema inteligência. A policial luta e utiliza suas habilidades investigativas para compreender a cidade. Black Canary tem seu superpoder vocal e a Huntress é uma assassina extraordinária.

A diversidade de mulheres apresentadas no filme é extraordinária tendo em base o cuidado que a obra teve ao apresentar cada uma das personagens, utilizando uma riqueza de detalhes extremamente interessantes. O gesso que Cass veste ao longo do filme é um item cênico que ressalta a radicalidade da personagem ao andar de skate, assim como a falsa fragilidade para lutar. Assim, percebemos que *Birds of Prey* (2020) é uma obra rica em detalhes narrativos e visuais para representar a pluralidade do feminino.

### **Considerações Finais**

A partir do levantamento de dados sobre a ausência de representatividade nas transposições cinematográficas de quadrinhos, pode-se perceber que *Birds of Prey* (2020) desempenha uma sequência de acertos ao apresentar personagens femininas fortes e independentes, não apenas nas telas, mas também nos campos de idealização do projeto.

---

<sup>23</sup> “You need me” (1h 35min) *Birds of Prey* (2020)

<sup>24</sup> “Harleen fucking Quinn” (1h 36min) *Birds of Prey* (2020)

<sup>25</sup> “Integration of masculine and feminine” (p.5) *Heroine’s Journey* (2020)

Embora o cinema de Hollywood tenha começado historicamente com diversas mulheres presentes nos campos ideológicos das obras (HOLANDA, 2019), após um certo período esse espaço foi diminuindo. Entretanto, atualmente nos encontramos em um momento de uma busca por modificações e uma procura por uma emancipação feminina na idealização e nas estruturas de poder de algumas produções.

As grandes produções de histórias em quadrinhos no cinema dos universos da Marvel e da DC comics produziram um total de 6 filmes protagonizados por mulheres: *Mulher Maravilha* (2017), *Capitã Marvel* (2019), *Fênix Negra* (2019), *Aves de Rapina* (2020), *Mulher Maravilha 1984* (2020) e *Viúva Negra* (2021). Embora seja um número consideravelmente inferior à quantidade de filmes protagonizados por homens, é um grupo que segue ganhando seu espaço nas telas do cinema. Um dado de extrema importância é a indicação de que a quantidade de produções tem aumentado desde o primeiro filme em 2017 e as obras têm apresentado mais mulheres envolvidas em suas idealizações.

Por outro lado, ainda não há previsão para a estreia de uma transposição com uma protagonista negra. Assim, torna-se importante lembrar o questionamento da autora Djamila Ribeiro (2017) sobre a necessidade de não tornar a imagem da mulher branca uma imagem de representatividade da mulher universal. Dessa forma, esse artigo conclui com a reflexão sobre a urgência em compreendermos a necessidade de abrir mais espaço para as mulheres na indústria e produzir mais heroínas e protagonistas femininas para nossa cultura contemporânea. Nosso imaginário deve ser povoado com mais representatividade e diversidade. E esse espaço deve ser para todas as mulheres, pois a diversidade não implica na construção de um modelo único de mulher branca e sim em uma pluralidade de personagens que possam abarcar um multiculturalismo não-hegemônico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; ROCHA, Daniela Torres da. **A presença do filme nacional nas salas de cinema do Brasil: um estudo sobre a codistribuição**. São Paulo: Galaxia (São Paulo, online), 2018.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOLANDA, Karla (org). Mulheres de cinema. In. COSTA, Flávia Cesariano Costa. **As Ruidosas Mulheres do Cinema Silencioso**. Rio de Janeiro: Numa, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. In. SARMET, Erica; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **No cinema**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MASSEY, Doreen. **Um sentido Global do Lugar**. São Paulo: Papyrus, 2000.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey – Woman's quest for wholeness**. Boulder, Colorado: Shambhala, 2020.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey Workbook – A map for every woman's quest**. Boulder, Colorado: Shambhala, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Rio de Janeiro: revista do ppvag/eba/ufrj, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.